

O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

THE DEVELOPMENT OF SEXUALITY IN PRE SCHOOL CHILDREN

Marelise Veit Costa¹

RESUMO: Independente dos tipos de infância vividos na pós-modernidade, as questões relacionadas ao desenvolvimento da sexualidade infantil estão sempre presentes. Nossa preocupação está em discutir como o professor da educação infantil vê essas questões no seu cotidiano, como ele reage frente às situações vivenciadas com seus alunos em sala de aula. Para tanto, optamos por uma pesquisa qualitativa, realizada com 5 professoras, de crianças entre 03 a 04 anos de idade, de rede particular de ensino. Para a avaliação dos dados coletados, fizemos o que a pesquisa qualitativa nos permite: analisamos de forma reflexiva as respostas dadas pelas professoras. As respostas nos indicam que as professoras se sentem, muitas vezes, pouco preparadas para conduzir as situações de seu dia a dia com a convicção de estar contribuindo para o desenvolvimento da sexualidade de seus alunos.

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Docentes. Educação infantil. Cotidiano.

ABSTRACT: Issues related to the development of infantile sexuality are always present regardless of the kind of childhood experienced in post modern times. Our concern is to discuss how preschool teachers see these issues in their daily routine, and how they respond to the situations experienced with their students in the classroom. In order to do so, we chose a qualitative research design with early childhood teachers at five private schools. To analyze the data collected, we followed qualitative research methods, analyzing the answers given by the teachers in a reflexive way. These answers indicate that teachers often find themselves insufficiently prepared to deal with daily situations with the confidence needed to help students develop their sexuality.

Keywords: Infantile sexuality. Preschool. Teachers. Daily routine.

1 COTIDIANO E EDUCAÇÃO INFANTIL

O relato de uma situação vivenciada em sala de aula, entre pai, filho, colega e professora, desencadeou o conteúdo da presente reflexão a respeito da sexualidade infantil. Descreve-se a situação e apontam-se questões que o momento suscita a respeito das concepções a respeito da criança e de seu desenvolvimento sexual.

A descrição do episódio teve início num determinado período do ano letivo numa turma de crianças de três anos de idade. Alguns pais, ao deixarem a criança na sala de aula, despediam-se dela com um selinho (rápido beijo na boca), um tipo de situação observada pela professora diariamente, que, quando se sentia confortá-

vel, arriscava dizer: “ok, dá um abraço de tchau no pai e vem brincar”.

Com o passar do tempo, vínculos formados, a professora observou que essa criança estava beijando seus amigos também na boca. Assim a professora fez algumas intervenções, tentando desviar a atenção da criança para outras brincadeiras. Como o comportamento da criança tornava a se repetir, a professora resolveu comunicar a seu pai sobre a brincadeira do filho. Junto à professora, o pai reagiu positivamente, demonstrando compreensão do fato. Porém, ao chegar em sua residência, relatou o ocorrido para a esposa, mãe do menino, de forma muito negativa, imaginando a possibilidade do

¹ Formada em Pedagogia. Especialista em Educação Infantil e Letramento pelo Instituto Superior de Educação Ivoati (ISEI). E-mail: marelise_costa@yahoo.com.br

filho estar desenvolvendo alguma forma de homoafetividade. Logo solicitou que a mãe viesse à escola para esclarecer melhor os fatos.

Ao chegar à escola, a mãe aflita é acalmada pela professora, que esclarece questões do desenvolvimento infantil. A partir daí, a família concluiu que o filho estava crescendo e tendo suas percepções de mundo, com base nas experiências e modelos vividos com os pais. Portanto a resolução a que se chegou foi de que o beijo, a partir de então, entre pai e filho seria na bochecha.

Alguns questionamentos que podem ser suscitados a partir da situação descrita, os quais permitem certo entendimento da abrangência da atuação do professor no desenvolvimento infantil: os professores têm o direito de intervir diretamente no modo de um pai se despedir de seu filho? O pai tinha noção de que aquele simples beijo, em frente aos colegas, poderia despertar curiosidades nas crianças? Sendo o beijo dado pelo pai, o menino não estaria, automaticamente, autorizado a reproduzir o comportamento de seu genitor? Ao reproduzir com os colegas o beijo dado pelo pai, quais os tipos de sentimentos provocados no menino? Questões como essas surgiram.

Reconhecendo a importância da sexualidade, Freud escreve em 1905 “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”. Confrontando os conceitos de infância predominante na época, Freud afirma que a sexualidade já está presente nessa fase da vida, e não apenas na puberdade. Devido à disposição infantil para desbravar a sexualidade sem pudores, ele denomina a criança como perversa polimorfa. “Freud postulou a existência de uma fase evolutiva normal que denominou disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil, comporta por pulsões sexuais parciais [...]” (ZIMERMAN, 2001, p. 324).

Freud (1905) destaca que o papel da educação quando tenta limitar a ação da pulsão sexual não seria um esforço válido, pois de uma forma espontânea a latência já teria como função restringir o fluxo da pulsão e fazer emergir o sentimento de vergonha, os ideais estéticos e morais entre outros.

É possível perceber que, no texto dos Três Ensaios, considerado um dos grandes alicerces da teoria psicanalítica, a educação é vista como necessária já que faz o papel de repressora dos impulsos. Na percepção de Freud, muitas vezes, o educador percebe o papel ativo da sexualidade na vida do indivíduo, mas busca ignorar os vestígios dessa existência, desconsiderando a ação ativa que ela possui na aquisição de conhecimento.

O professor é um dos primeiros substitutos dos pais. É ele quem ensina desde a forma de pintar e colar mais

adequada, das primeiras letras até a construção de frases para a elaboração de um texto mais complexo. O processo ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contatos físicos, daí a importância de se ligar ao professor, que segure, carregue, que embale. Por meio dessa fusão, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas, pouco claras, vai se familiarizando e apreendendo esse mundo, portanto iniciando um processo de diferenciação.

O processo ensino-aprendizagem no lado afetivo revela-se pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações no processo de conhecer o mundo exterior e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos.

Freud (1996, p. 286) em “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar” levanta a questão sobre a importância da relação professor-aluno, questionando sobre o que exerce maior influência no aluno, o conteúdo estudado ou a personalidade do professor.

A participação do professor na escola vai além de, exclusivamente, transmitir o conhecimento. O professor é, tanto quanto os pais, um modelo de identificação dos alunos. Como uma mãe, um professor precisa olhar todos os seus alunos (filhos) individualmente. Tentar compreendê-los de tal modo que seja possível trilhar o melhor caminho sobre o que dizer a cada um deles e porque os conhece, isto é, porque os observa, cuida das suas crianças. Como um pai que ocupa a posição de responsabilidade, o professor atua com o objetivo de fazer com que os direitos e deveres sejam compreendidos e seguidos. É um transmissor de limites que permite a cada educando construir-se e conviver entre os colegas na sala de aula. O relacionamento professor-aluno é atravessado por afetos de amor e ódio. Somos ambivalentes com os nossos pais, com nossos filhos, com o marido ou esposa, com nossos professores e com os nossos alunos.

A aprendizagem vincula-se às relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos, pessoas que conhecem e se desconhecem no processo educacional. A relação pedagógica propicia condições de exercício da autoridade a partir das relações originais, particularmente as transferenciais que permitem renascer sentimentos hostis iguais ou afetuosos, os quais podem impedir ou favorecer o reconhecimento da autoridade do professor para ensinar. A transformação da autoridade formal em autoridade real depende de um campo transferencial favorável à relação professor-aluno. A

criança depende de seus professores como depende de seus pais.

Na sala de aula, o aluno revive a relação original entre pais e filho, transferindo para o professor todo o amor e/ou hostilidade que teve de abrir mão. O professor para cumprir seu papel enquanto tal precisa considerar os sentimentos transferenciais, sem corresponder a eles. Insistindo na tarefa de ensinar, canalizando as energias fixadas do aluno para a atividade intelectual (MORGADO, 1995).

O significado da palavra transferência, segundo Laplanche e Pontalis (1991, p. 766-767), indica que se trata de um termo introduzido por Freud e Ferenczi entre os anos de 1900 e 1909 para nomear um processo constitutivo do tratamento psicanalítico, mediante o “qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocando na posição desses diversos objetos”

A transferência é algo que acontece inconscientemente, na qual o desejo inconsciente busca ligar-se a formas (professor) para esvaziá-la de seu valor real, colocando ali o sentido que nos interessa. Instalada, o professor torna-se depositário de algo que pertence ao aluno. Esse, contudo, não é um lugar fácil de suportar, pois o professor também é um sujeito desejante com vida própria. Só o desejo do professor justifica que ele esteja nesse lugar, mas assumindo esse lugar precisa renunciar ao desejo para possibilitar a aprendizagem.

As influências dos alunos sobre os sentimentos inconscientes do professor são frequentes e somatizam os mais variados tipos de comportamentos e reações por parte de quem ensina. Um professor, por mais que não queira, pode desenvolver maior afinidade com determinado aluno e com outro desenvolver uma relação de distância e de recusa (KUPFER, 1992).

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

• Entrevista semiestruturada com professoras

A entrevista buscou informações referentes ao manejo do professor em situações que envolvam a sexualidade das crianças, sendo que as questões da entrevista foram as seguintes:

1) Situações que envolvam a sexualidade das crianças são comuns em sua prática pedagógica? É possível citar uma? 2) Como você se sente em relação a elas?

Caso você se depare com uma situação de sexualidade (criança beija outra na boca, abaixa a calça, masturba-se, questiona as diferenças entre gêneros), que tipo de encaminhamento você daria? Que tipo de ajuda você espera da instituição em que trabalha? Como professor de educação infantil, você se considera preparado para enfrentar essas situações? Você gostaria de ter mais espaço / tempo para discutir mais essas questões ou para você são questões pouco relevantes, já que as crianças são pequenas?

Para melhor entendimento desse processo, nomeamos as professoras com as letras “A”, “B”, “C”, “D” e “E”.

A primeira pergunta feita para as educadoras era concernente às situações que envolviam a sexualidade das crianças nas práticas pedagógicas e se seria possível citar alguma. Todas as professoras entrevistadas relataram que sim: a sexualidade está inserida no cotidiano de suas turmas, não com muita frequência, pois as crianças ainda são menores (faixa etária de três e quatro anos), mas em diferentes situações e momentos. Seguem alguns relatos:

Professora “A”: Sim, cada vez está mais comum, principalmente agora, que estão completando 4 anos de idade. Os alunos falam muito em beijo na boca. E já aconteceu de um menino baixar a calça no pátio”.¹ Esse depoimento traz com clareza a fase de descoberta pela qual a criança está passando; quando a criança abaixa a calça para mostrar a seu colega o seu órgão genital, na verdade está descobrindo a si e a seu colega como um ser igual.

Isso evidencia que é normal ocorrerem situações dessa natureza em sala de aula com os pequenos. Assim como relatou a Professora “A”, sobre o interesse pelo beijo na boca, também surgiu o assunto no relato da Professora “C”: “Estou percebendo agora (segundo semestre) que têm surgido algumas brincadeiras de namorados e trocas de carícias entre as crianças. Certo dia, cheguei à sala depois do pátio e um menino e uma menina estavam escondidos atrás do armário dando um ‘selinho’. Conversei com ambos, explicando que criança demonstra carinho com afeto, carinho, abraço e beijo na bochecha. Que beijo na boca é só adultos que dão, criança ainda não pode”. E de onde surge esse interesse das crianças em beijar na boca? A partir desse relato surgem novas tendências para o desenvolvimento infantil, pois a partir da imitação do que veem surge o interesse em experimentar.

² ARQUIVO organizado pela autora a partir de questionários aplicados. Todas as falas serão tomadas das entrevistas constantes nesse arquivo.

As atitudes dos adultos, as cenas na televisão, as imagens que os cercam, da nossa realidade dos dias de hoje, do que a nossa sociedade expõe para as crianças, isso tudo acaba por ser refletido no comportamento infantil, como, por exemplo, o beijo na boca, o que acontece cada vez mais cedo devido à necessidade de imitação e experimentação que é despertada na criança. Lembrando o início deste trabalho, quando foi relatada a história do pai que dava beijo na boca do filho ao se despedir. Portanto cabe aqui avaliar o que vem da natureza da criança e o que é visto por ela e inserido em seu processo de desenvolvimento? Pois, na primeira situação, sabemos através de estudo que a criança passa por essa fase de descoberta de seu corpo e compara-o com o de seus amigos, assim como também acontece a exploração dos órgãos genitais. Embora o beijo na boca seja inocente, porém acontece por curiosidade de experimentar o que os adultos fazem. O que também faz parte do desenvolvimento infantil: experimentação. Mas cabe ao adulto pai ou professor orientar para que não haja excessos nessa fase.

• *Sentimento dos educadores*

Após essa primeira pergunta sobre as eventuais situações relacionadas à sexualidade em sala de aula, foi perguntado para as educadoras como elas se sentem quando isso acontece. Houve divergência nas respostas; algumas responderam que agem com naturalidade nessas situações, e outras já disseram que se sentem inseguras em relação a elas. “Me sinto tranquila, pois sei que faz parte das descobertas das crianças e do seu corpo, mas claro que, quando surge uma situação mais ‘grave’, procuro interferir de maneira natural” (Professora C”). Outra professora relatou o seguinte: “Eu procuro agir com naturalidade, sem demonstrar espanto em relação a essas situações, até para que as crianças não pensem que estão fazendo algo errado. Porque assim, se não ganha muita ênfase, passa como uma coisa natural” (Professora “B”). Certamente é na vivência e convivência que aprendemos a lidar com todo esse processo, mas a sensibilidade e a naturalidade do professor são importantes, sempre lembrando que da mesma forma que a criança aprende a andar e a falar, vai aprendendo sobre seu corpo, suas sensações, sua sexualidade e seu gênero. A criança vai construindo através das suas experiências uma imagem de si mesma, de seu físico, de sua autoestima e vai percebendo-se como menino ou menina.

• *Encaminhamentos*

A terceira pergunta feita aos professores de educação infantil foi sobre os encaminhamentos que seriam dados caso surgisse algum episódio envolvendo sexualidade entre as crianças, se existe ajuda da instituição.

Professora “D”: “Eu conversaria com a criança dizendo o porquê de não beijar o colega na boca, o porquê de não baixar as calças e, quanto ao se masturbar, diria a ela que aquele não é o momento. Tentaria desviar sua atenção para outras coisas. Marcaria uma conversa com a família, para que juntos pudéssemos investigar as causas desse comportamento e para que juntos tentássemos resolver a situação”.

As professoras em suas respostas foram unânimes em dizer que num primeiro momento conversariam com a criança, tentando desviar sua atenção daquele momento, explicando o porquê de não poder fazer aquilo ali. Mas se não fosse o suficiente, chamariam os pais para expor o que está acontecendo. Esta também foi a atitude tomada pela professora no começo deste trabalho. Num primeiro momento, ela tentou distrair a criança para que desse apenas um abraço no pai; como não foi o suficiente, e a situação tomou proporções maiores, ela alertou os pais. Aqui chegamos numa situação delicada, pois, como já falamos, a criança quer apenas satisfazer a sua curiosidade, de forma inocente, mas o adulto encontra dificuldades em entender tal processo. Será que vale levar aos pais essas situações ou apenas para a coordenação da escola? Essas respostas com certeza vêm a partir do trabalho de cada educador, dentro da sua sala de aula, na convivência com seus alunos, com os pais e coordenação. Tentar encarar a problemática com a ajuda dos pais seria uma alternativa coerente, considerando que se trata do desenvolvimento daquela criança. Mas para isso o professor precisa ter capacitação e embasamento para conversar com os pais e saber explicar com fundamentação o assunto.

• *Preparação*

A quarta pergunta feita às educadoras questionava a preparação. Se elas se sentiam preparadas para enfrentar as situações sobre sexualidade que surgiam em sala de aula. Analisando as respostas das professoras, percebe-se certa insegurança.

Professora “B”: “Não. Penso que esse tema é pouco explorado nas escolas de Educação Infantil; não se discute o assunto em reuniões pedagógicas, por exem-

plo. Por isso, quando ocorre uma situação assim, sentimos-nos despreparados, sem saber qual é a melhor providência a tomar”.

Dessa forma aparece o despreparo dos educadores em relação a esse assunto; por isso cabe à instituição promover mais debates sobre ele. E também aos educadores buscarem leituras para entender melhor o que se passa nessa fase.

Quando o professor percebe que certa situação essa fora do seu alcance, a leitura, a troca de informações com seus colegas, pode ser uma boa ajuda. Além disso, a formação continuada do professor faz-se necessária para a profissão, sendo sempre flexível em suas ações, pois são seres humanos em questão: crianças que estão descobrindo o seu corpo e o mundo (KUPFER, 2007, p. 125).

• *Tempo para refletir*

Após todos os questionamentos feitos para as professoras concernente à última questão levantada, sobre o espaço para a discussão do assunto nas escolas, questionou-se: é importante ou não? Considerando que as crianças ainda são pequenas. As professoras foram unânimes em responder que gostariam de ter esse espaço na escola para ter uma melhor preparação, inclusive para lidar com os pais também: “Acredito que não são relevantes essas questões apesar de não ser rotineiras, mas penso que seria importante sim ter mais espaço para essas discussões, até porque na Educação Infantil temos que lidar com os pais dos nossos alunos, sendo que para eles esse assunto parece ser um absurdo e agem com espanto. Nessas horas é que se vê a importância da professora ter um respaldo sobre esse assunto. A escola precisa estar aberta e preparada para essas questões, apesar de ainda hoje a sexualidade não ser vista com naturalidade pela escola nem pela sociedade com crianças dessa idade” (Professora “B”).

As escolas de Educação Infantil necessitam conversar sobre esse assunto; a formação continuada entre os educadores em alguns momentos precisa ser direcionada a esse assunto para haver melhor entendimento por parte do educador. Ir ao encontro dos interesses do educador faz parte da função da coordenação escolar da instituição (ESTEVÃO, 2001, p. 231).

As respostas das outras professoras apenas afirmaram a necessidade de uma formação continuada sobre o assunto. “Eu adoraria ter mais tempo e espaço para discutir mais essas questões. Sempre é válido ouvir outras opiniões e experiências sobre o assunto. E acho que,

independente da idade, esse é um assunto delicado que faz parte do desenvolvimento da criança e merece muita atenção, porque ele mexe com todas as estruturas, sejam elas psicológicas, familiar e social da criança” (Professora “D”).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas permite-nos pensar a amplitude de questões a serem refletidas, uma vez que cada professor conseguiu expressar seus sentimentos em relação ao tema, mostrando que essa temática ainda é muito delicada.

As perguntas feitas foram simples, porém permitem a possibilidade de os professores, participantes da pesquisa, irem além da resposta provavelmente esperada, o que pouco aconteceu. Sendo assim, pode-se pensar que o refletir sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil na prática pedagógica é um exercício pouco feito pelos professores, talvez pelo constrangimento que o tema ainda provoque ou mesmo pela falta de conhecimento a respeito da importância do seu olhar, atento e cuidadoso, em relação a seu aluno. Por isso fizemos algumas considerações sobre a mudança da prática pedagógica.

Em geral, as pessoas não têm consciência dessa relação entre comportamentos, recursos pessoais, propósitos e contextos. Elas ficam lutando consigo mesmas para superar um comportamento inadequado, sem levar em conta que ele tem algum propósito, ou seja, uma função em outra área de sua vida; por isso a importância da reflexão e do entendimento de determinada conduta. Uma vez identificada a necessidade de mudança, é possível iniciar esse processo, o qual é gradual e contínuo.

Por medo, o professor pode deixar de abordar de forma clara as situações vivenciadas pelas crianças a respeito de sua sexualidade. Falar sobre o que é possível, o que não é possível, dar o nome correto às partes do corpo são atitudes que poderiam ajudar as crianças em suas elaborações de hipóteses e de descobertas. No entanto, são condutas que muitos professores não possuem, talvez por medo de estar instigando e estimulando a aparição da sexualidade. É importante saber que a sexualidade é inerente à espécie humana e irá manifestar-se mais cedo ou mais tarde, a partir da construção individual e subjetiva da personalidade.

Transpor obstáculos requer investimento na formação do professor. Informação e formação continuada sustentam uma prática reflexiva. É necessário que o

professor tenha por hábito a autocrítica, que possibilite repensar seu trabalho, que motive para práticas diversas, abandonando assim a zona de conforto que permeia seu cotidiano. De outra, corre-se sério risco de repetir comportamentos aprendidos e não refletidos, os quais aprendidos em consequência da inércia.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CLASTRES, G. A criança no adulto. In: MILLER, J. (Ed.). **A criança no discurso analítico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 12 v. (Original publicado em 1923).
- KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1992.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica**. São Paulo: Plexus, 1995.
- PRISZKULNIK, Léia. Clínica(s): diagnóstico e tratamento. **Psicologia, USP**, v. 11, n. 1, p. 11-28, 2000.
- RAPPAPORT, C. R. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ZIMERMANN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.